

## Na abertura de mais um COLE: compromissos e emoções

### - TEXTO DE ABERTURA – 17º COLE

O COLE **nasceu criado**. Parece contraditório dizer a expressão “nascer criado”, mas a idéia é de que o COLE, ao nascer, não aceitou crescer para que apenas quando fosse grande pudesse enfrentar seus desafios; não quis falar de lado e nem olhar cabisbaixo. Ele nasceu com voz, determinação e propósitos que marcam desde então sua história de 30 anos. Foi em Campinas (SP), no ano de 1978, que um grupo de pesquisadores e professores universitários idealizou o I Congresso de Leitura do Brasil - COLE, em um momento marcado por palavras de ordem como, *liberdade, democracia, conscientização, militância, transformação*. Um espaço para aglutinar e socializar idéias, projetos, experiências, até então silenciados pela ditadura. Espaço coletivo de luta. Somente depois dos dois primeiros COLES (78 e 79) é que a Associação de Leitura do Brasil, que hoje o promove, passou a existir institucionalmente. Devemos ao COLE a Associação que hoje presido.

O COLE **nasceu grande**. Em objetivos, sonhos, propostas. Nos anos finais da década de 70, o índice de analfabetos era de mais de 40%. Apesar de hoje podermos dizer que este índice caiu, o desafio além de não ter sido vencido, tornou-se ainda mais complexo. O IBGE divulga que hoje temos 11,5% de crianças de 8 a 9 anos analfabetas, um número marcado não pela incapacidade das crianças em aprender, dos professores para ensinar ou, pela falta de escolas e bibliotecas, mas pela desigualdade econômica e social que não conseguimos resolver ainda, porque expressões como “sem terra, sem casa, sem comida”, estão sempre associadas aos “sem letras”.

O IBGE também diz que 30% destas crianças analfabetas estão fora da escola. Aquelas oriundas de famílias que têm renda no limite de um quarto de salário mínimo. Um número que é maior no norte e nordeste de nosso país, regiões sabidamente atravessadas por toda sorte de desigualdade.

O COLE nasceu grande porque, como veem, era grande e continua grande esse seu desafio.

Dos anos 70 para cá, desigualdade e diferença não podem mais ser entendidas apenas na identificação destes números (antes 40%, agora 11% de analfabetos; antes e agora crianças que não gostavam de ler, de brasileiros que não leem).

Hoje, as categorias “ler ou não ler”, “estar fora ou dentro das escolas” já não são suficientes para entender o mundo da leitura e dos livros. Quem está excluído e do quê? De que objetos – livros impressos, e-books? De que gêneros – literários, jornalísticos, bíblicos, enciclopédicos? De que lugares – cinemas, teatros, bibliotecas, escolas? De quais práticas de leitura?

11% de analfabetos é ainda um índice maior porque hoje estamos discutindo outras desigualdades e diferenças ligadas aos modos de ler. As pesquisas e a mídia apontam: leitores mais velhos não leem romances na tela do computador, mas adolescentes o fazem até pelo celular ou em aparelhos MP4. Crianças de pouco mais de três anos estão sendo alfabetizadas pelo computador porque, sozinhas, abrem e brincam na tela com os ícones e palavras em inglês. Dez (10) milhões de pessoas acessam blogs, estão internectadas. Livros são lançados pelo mercado editorial na forma impressa e, no dia seguinte, estão na internet - pirataria digital. Universitários leem capítulos de livros, em xérox. Para as escolas, milhares de livros de literatura têm sido enviados em diferentes programas de leitura. Estão eles nas mãos das crianças? Com que frequência e com que finalidades a literatura está sendo lida? Acompanhada pela voz do professor, no compartilhamento com outros leitores? Como convite a uma leitura suspeita, que exige uma participação mais demorada e criativa, uma vez que o leitor tem de inferir certas situações, indagar certos fatos, aproximar-se de outros textos e de outras leituras?

Por isso, o COLE nasceu grande, porque seus propósitos são enormes nos desafios a enfrentar. Tem em sua história a expressão da leitura como um direito de todos, como uma prática cultural que produz no leitor um modo de conhecimento de si mesmo, de sua existência no mundo, de suas relações com os homens. Um conhecimento que pode ser sempre diverso, contraditório e cumulativo, que pode (e deve ser) ampliado, complexo, desafiante. Um conhecimento que está diretamente ligado a modos de entender e de se sentir pertencente ao seu mundo.

Modos de se perceber e de sentir pertencimento a uma comunidade, que são construídos no interior das práticas de leitura e das formas de sua apropriação social em sociedades

letradas. Que são marcados pelo valor histórico que alguns deles adquirem sobre outros. Portanto, se a prática de leitura produz um certo conhecimento e pertencimento ao mundo e ainda se ela (a prática) é diversa e plural, carregada de valor social diferenciado, a exclusão de algumas dessas práticas de leitura pode significar a exclusão dos modos de apreciação do mundo, dos modos de expressão, gestos e significados de ler que, em última instância, é exclusão dos modos de nos entendermos como seres humanos dentro de um coletivo. É sinal da ausência de opção para muitos brasileiros de exercer certos usos da leitura, de frequentar os espaços destinados a essas práticas.

O COLE **nasceu para ser grande**. A cada edição cresce em número de participantes, na quantidade de trabalhos a serem apresentados, em diversidade de temas e perspectivas teórico-metodológicas. No 1º COLE, pouco mais de 200 congressistas couberam no Teatro Interno do Centro de Convivência Cultural de Campinas, durante um final de semana. Foram realizadas três mesas redondas e 08 conferências nas temáticas: Literatura Infantil, Livros didáticos e Divulgação da cultura. Foram também apresentados dois filmes sobre literatura nacional e realizada uma Feira do Livro com livreiros da cidade.

No 17º COLE, o Caderno de Resumos, com suas 652 páginas, pode ser um indício de quanto o COLE tornou-se grande. São mais de cinco mil congressistas que devem estar presentes pelos espaços da Unicamp: no Ginásio, nos auditórios do Centro de Convenções, do IA, IE, IMECC, BC, FE, IFCH, além de se espalharem por 72 salas de aula dos 06 institutos e faculdades (FE; FEF; IMECC; IE; IEL; CEL), que abrigarão não 384 sessões de comunicações. Foram inscritos mais de dois mil trabalhos, avaliados por 113 pareceristas.

O 17º COLE reúne em torno de 70 conferencistas e palestrantes, distribuídos em 10 conferências nacionais e internacionais, além de 22 mesas-redondas, organizadas em torno de diferentes temáticas. Reúne também quase 30 atividades artísticas e culturais, sob a responsabilidade de 82 monitores. Empresas e profissionais de diferentes naturezas foram contratados para colaborar com a organização do evento: som e iluminação, alimentação, confecção, gráfica, design, entre outras. Números alarmantes! Trabalho coletivo, feito por muitos e há muito tempo!

O Cole **nasceu cuidado, amado, adotado por muitos**.

No 17º COLE, entre preocupações e problemas a enfrentar, há um clima de comemoração, festa, carinho, compartilhamento, troca. Ex-membros das diretorias da ALB, colegas, orientandos, alunos, sem qualquer remuneração, procuram a Comissão Organizadora, juntando-se aos novos, a cada edição e, cada um a seu modo, dá sua colaboração na preparação e execução do evento. São muitos e, na maioria das vezes, identificados no coletivo, no anonimato. Cuidam dele para que ele aconteça.

O **COLE nasceu amado**. Antes da sua divulgação, de sair às ruas, pessoas ligam na secretaria da ALB perguntando quando será o evento, quando as inscrições estarão abertas, pedem prorrogação do prazo para inscrições. E depois nos escrevem, como nesta mensagem, representativa de muitas outras que recebemos:

*Participo do COLE há muitos anos por paixão pela leitura e pelo movimento, fico sem férias, mas não deixo de participar como irá ocorrer neste ano. Meus dois filhos participam comigo desde a minha gravidez e também amam ler. (...). Um grande abraço...*  
Sidinéa

Ou como este poema, entregue à Comissão no 15 º COLE, por um professor que participou do “Encontro sobre Leitura e Escrita nas Sociedades Indígenas”:

*Que pena!*

*Mais um Cole terminou / Ecoam forte do sul ao norte / Todas as vozes, Serenas, velozes.  
Compartilhamos dias/ De alegrias e sabedorias/ Experiências aqui contadas/ Teve até  
histórias engraçadas/ Mas de tudo se tira lição! (autor Macuxi Natalina Messias)*

È neste clima que finalizo minha fala. Os versos de Manoel de Barros dizem melhor, no olho que vê, que revê e transvê essa afetividade que faz do COLE o maior congresso de leitura do Brasil, Qualis A junto à CAPES, uma festa acadêmica.

Porque neste COLE, aqui e agora, configurado pelo seu passado e pelo seu futuro, pelo que fizemos e ainda queremos fazer juntos, nós, da Comissão Organizadora, buscamos, palavras, gestos, ações, transvertidos pela força, intensidade e potência que a poesia pode

oferecer, na produção de sentidos desse presente criado pelos homens, que é ao mesmo tempo contraditório, complexo, não linear nem homogêneo.

Talvez a poesia e a imaginação nos ajudem a acolher no olho que vê, revê e transvê, que cava e desliza, que é entendimento e desentendimento, que é organizado e labiríntico, ordenado e flutuante,, um mundo da leitura, do livro e dos leitores, na forma que homens e mulheres podem usufruir e construir.

Em nome da Associação de Leitura do Brasil, ALB, declaro aberto o 17º Congresso de Leitura do Brasil!

Campinas, 20 de julho de 2009.

**Norma Sandra de Almeida Ferreira**

Presidente da Associação de Leitura do Brasil – Biênio 2009-2010

Professora e membro do Grupo de Pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita” (ALLE) da Faculdade de Educação - Unicamp